

Por um lado, eu sinto que é muito fácil falar sobre a minha mãe, falar o que ela foi pra mim, como ela pediu que a gente falasse. Parece que eu tenho uma vida inteira guardada pra listar neste momento, uma infinidade de homenagens pra fazer e qualidades incríveis dela para exaltar. Ela fez tanto, conquistou tanto, era tão admirada, tão amada. Temos tantas histórias e viagens juntas, eu poderia simplesmente colocar a mão nesse mar e tirar o que quer que fosse, tenho certeza que seria maravilhoso.

Mas, ao mesmo tempo, não consigo abandonar o sentimento de que isso não é o suficiente. Já passei por todas as palavras e todas parecem pouco. Nada traduz a grandeza da minha mãe. Nada realmente capta tudo, o universo que ela era.

E nesse esforço de achar algo grande o suficiente pra dizer, me peguei muito perdida nas coisas pequenas que ela fazia. Quanto mais eu tentava pensar em algo poético, que eu sei que ela amaria e mereceria muito ouvir, mais meus pensamentos eram inundados por milhares de imagens extremamente corriqueiras. E eu digo corriqueiras mesmo, porque não são nem os momentos mais marcantes juntas, são minúsculas particularidades que sempre estavam lá e sequer ganhavam muito destaque. Os sorvetes com calda de frutas vermelhas, as cores de terra que ela sempre usava, os nós celtas que decoravam o celular, o carro, a janela. O caos no escritório. As mensagens que chegavam sempre que tinha um evento astronômico, como uma lua de gelo. Ou quando ia sair um documentário sobre baleias. Ou ainda quando um aplicativo “sumia” do celular dela e ela não sabia explicar como. Em todas as viagens tenho a imagem dela sempre carregando 3 bolsas ao mesmo tempo, preparada pra tudo, levando de casacos polares a diferentes câmeras, muito específicas para fotografar cada coisa... caso tivesse uma ave à distância, um cogumelinho que precisasse de lente macro e um mergulho que precisasse ser à prova d'água. Me vêm todas as palavras aleatórias em alemão que ela usava, piadinhas e expressões típicas que já sabíamos que seriam ditas, antes mesmo dela dizer. Só esperávamos, LÁ VEM! E vinha. Como os versos específicos que ela cantava das músicas que ouvia e que pareciam ser sempre os mesmos, só cantava aqueles, o resto da música não. Nós quase esperávamos por eles também e eles vinham, num canto meio baixinho e reservado.

E justamente, ontem, enquanto estávamos no hospital, ouvindo juntas as músicas favoritas dela, eu ouvi a Joan Baez dizer para o Bob Dylan um verso assim: “Você me diz que não é nostalgia, então me dê outra palavra pra isso. Você era tão bom com palavras. Em deixar as coisas amplas. Eu preciso dessa amplitude agora, porque tem muita coisa voltando pra minha cabeça, de forma tão clara. E, sim, eu te amei muito.”

Eu queria terminar dizendo, que minha mãe também era boa com palavras e eu espero que essas sejam amplas o bastante para caber, ao mesmo tempo, tanto as pequenas unicidades quanto a enorme grandeza dela. Eu também te amei muito, mãe. Sempre vou amar. Obrigada.